



CAOS AÉREO

Brasileiros penam em aeroportos europeus

Crise das companhias de aviação adia viagens de turismo e negócios que têm, principalmente, Portugal como origem ou destino

» VICENTE NUNES
Correspondente

Vicente Nunes/CB/D.A. Press



Informada pela TAP de que seu voo de volta ao Brasil havia sido adiado, Aline Vieira diz que não tem mais dinheiro para ficar em Lisboa

Lisboa, Portugal — Os brasileiros que programaram viagens de férias ou de negócios para a Europa — em especial, para Portugal — com reserva de voo pela TAP, devem se preparar para um martírio. Desde o último fim de semana, uma onda de greves provoca falta de pessoal e de aviões, gerando caos nos aeroportos, com vários cancelamentos de voo. Em Lisboa, a situação é pior. A TAP lidera a suspensão de decolagens, com extravio de malas e desrespeito aos viajantes. O descaso é enorme, com funcionários irritados e a empresa não cumprindo obrigações básicas, como dar informações corretas aos passageiros e arcar com despesas de alimentação, transporte e hospedagem.

A brasileira Adriana Machado está, desde a última sexta-feira (1º/7), tentando voltar de Lisboa para Recife. “Meu voo foi cancelado, marcaram outro para o dia seguinte e cancelaram de novo, me jogaram para um voo de 8 de julho, mas eu não posso ficar em Lisboa até esse dia. Insisti e me jogaram para um voo hoje (ontem). Vamos ver se consigo embarcar”, contou. Nos dias a mais que ela ficou em Lisboa, a companhia aérea não arcou com nenhuma despesa. “Não deu nenhum voucher, nenhuma alimentação nem hotel, absolutamente nada”, afirmou.

Aline Vieira foi outra brasileira surpreendida com e-mail da TAP informando que o voo dela havia sido remarcado. “Não me deram opção nenhuma, não tenho onde ficar, não me deram acomodação. E tudo está muito caro”, queixou-se. Aline estava de férias

em Lisboa. “A gente viaja com o dinheiro para este período, com alimentação e estadia. Agora, é complicado, não consigo arcar com dois dias a mais”, lamentou.

A desordem na TAP não perdoou o brasileiro Rogério Paixão. Mesmo ele tendo feito o check-in de sua viagem para Cancún, no México, e ter chegado com mais de uma hora de antecedência no aeroporto de Lisboa, não conseguiu embarcar porque a máquina que imprime as etiquetas de

bagagens estava quebrada. Como ele teve de entrar na fila para fazer o procedimento que não levaria mais do que cinco minutos, perdeu o voo e, na melhor das hipóteses, só conseguirá embarcar no dia 6 de julho. “Fiz o check-in antecipadamente para facilitar tudo, na hora de fazer o despacho das malas, contudo, a máquina de etiquetagem estava quebrada. Além disso, ninguém orientava nada e as filas estavam enormes”, contou.

Diante do caos, a presidente executiva (CEO) da TAP, Christine Ourmières-Widener, reconheceu, em comunicado oficial, que os transtornos para os viajantes vão continuar por um bom período. “Neste momento, reconhecemos que não estamos oferecendo o serviço de excelência que planejamos e que queremos que experiencie conosco, face à crise que o transporte aéreo atravessa e que, de acordo com as previsões mais recentes, não deverá

melhorar nas próximas semanas, fruto do aumento regular das viagens de lazer e de negócios”, escreveu. Ela pediu as “mais sinceras desculpas”. Desde sexta-feira, a TAP cancelou mais de 120 voos.

A presidente da TAP tentou minimizar a situação jogando a culpa pelo calvário dos passageiros na pandemia de covid-19. “Os últimos dois anos foram muito difíceis para todos nós, sobretudo para o setor da aviação comercial, extremamente penalizado devido

Reconhecemos que não estamos oferecendo o serviço de excelência que planejamos e que queremos que experiencie conosco, face à crise que o transporte aéreo atravessa e que, de acordo com as previsões mais recentes, não deverá melhorar nas próximas semanas

Christine Ourmières-Widener, CEO da TAP

à pandemia”, disse. Contudo, segundo ela, “todos os colaboradores da TAP têm trabalhado de forma resiliente e consistentemente na reconstrução da companhia e em ganhar novamente (a confiança dos viajantes)”.

A agência reguladora do setor de aviação de Portugal, a ANA Aeroportos, atribuiu os cancelamentos às greves de funcionários das empresas aéreas, especialmente na Europa.

OBITUÁRIO

Dom Cláudio Hummes, amigo do papa e dos índios

» *ISADORA ALBERNAZ

O arcebispo emérito de São Paulo, dom Cláudio Hummes, morreu, ontem, aos 87 anos, vítima de câncer no pulmão. O cardeal gaúcho era conhecido pela sua atuação em defesa das minorias e dos mais vulneráveis. A arquidiocese paulistana informou que os ritos fúnebres se estenderão até amanhã, quando o religioso será sepultado na Cripta da Catedral da Sé, em São Paulo.

Franciscano, Hummes dedicou grande parte da vida à defesa dos direitos dos povos indígenas. Também era amigo do papa Francisco. O *Vatican News*, portal de notícias oficial do Vaticano, publicou que Hummes “tinha um grande coração que pulsava — e não há retórica em dizer isso — pelos pobres, os povos indígenas da Amazônia, como os missionários consagrados e leigos, os sedentos e famintos do Sul do mundo, como os operários mal pagos ou as vítimas das mudanças climáticas”.

Em 2013, o recém-eleito papa Francisco se referiu ao cardeal brasileiro como “um grande amigo”. No primeiro encontro com a imprensa internacional, Francisco revelou que dom

Cláudio foi responsável pela frase que o inspirou. “Ele me abraçou, me beijou e disse: ‘não se esqueça dos pobres’. E aquela palavra entrou na minha cabeça: ‘os pobres’. Pensei em Francisco de Assis. E assim, o nome saiu do meu coração: Francisco de Assis, como eu queria, uma Igreja pobre, para os pobres.”

Em 2015, Dom Cláudio discursou em defesa dos povos amazônicos na Conferência do Clima de Paris (COP21). “É preciso defendê-los, defender seus direitos, dar-lhes de novo a possibilidade de serem os protagonistas de sua história, os sujeitos de sua história. Deles foi tirado tudo: a identidade, a terra, as línguas, sua cultura, sua história, tudo”, denunciou, em seu discurso. Em 2019, o cardeal foi relator-geral do Sínodo para a Amazônia, no Vaticano.

O arcebispo de Brasília, dom Paulo Cezar, declarou em carta ao arcebispo de São Paulo, dom Odilo Scherer, que recebeu “com pesar” a notícia, destacando que ele “dedicou-se, com profundo zelo, ao povo Deus na Sé Episcopal de São Paulo, como também, zelando pelos presbíteros na Congregação para o Clero e, nos últimos anos, com

YASUYOSHI CHIBA



Dom Cláudio Hummes dedicou a vida religiosa à defesa dos mais pobres e dos direitos dos indígenas

especial atenção à Amazônia”. O Conselho Indigenista Missionário (Cimi), em nota, declarou que, “dom Cláudio Hummes foi um ser humano engajado na defesa das causas sociais, dos mais pobres, dos missionários e missionárias, dos nossos irmãos indígenas e da Amazônia”, e que lamenta “a partida de um irmão tão querido e tão necessário, pelos seus exemplos e luta, ao nosso país e ao nosso planeta”.

Trajatória

Nascido em 1934, em Salvador do Sul (RS), Aury Afonso Hummes decidiu entrar para a vida religiosa aos 17 anos. Filho de imigrantes alemães, em 1952, juntou-se aos franciscanos e, seis anos depois, foi ordenado padre na cidade mineira de Divinópolis. Foi nomeado bispo em 1975 pelo papa Paulo VI. No mesmo ano, assumiu a diocese de Santo André (SP), onde permaneceu por mais de

20 anos. Nesse período, acompanhou de perto o movimento operário do ABC Paulista e, em plena ditadura militar, abriu as portas da catedral da cidade para assembleias de operários.

Em 1996, foi nomeado para a arquidiocese de Fortaleza. Em 1998, retornou a São Paulo, nomeado arcebispo pelo papa João Paulo II. Virou cardeal em 2006, quando deixou a arquidiocese paulista para assumir o cargo de prefeito da Congregação para o

Tinha um grande coração que pulsava — e não há retórica em dizer isso — pelos pobres, os povos indígenas da Amazônia, (...) os sedentos e famintos do Sul do mundo, como os operários mal pagos ou as vítimas das mudanças climáticas”

Vatican News, portal oficial do Vaticano

Clero, no Vaticano, por decisão do papa Bento XVI.

Ao voltar para o Brasil, em 2010, dom Cláudio passou a se dedicar à defesa da Amazônia e dos povos indígenas. Foi presidente da Comissão Episcopal para a Amazônia, da CNBB, e da Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam). Em 2021, assumiu a presidência da Conferência Eclesial da Amazônia (Ceama).

*Estagiária sob a supervisão de Vinicius Doria